

## “Se existe Auschwitz, não pode existir Deus”.

Primo Levi: um judeu laico

AISLAN CAMARGO MACIERA (USP)

### RESUMO

A aceitação daquilo que Primo Levi tem a nos dizer é a aceitação de um passado traumático, marcado por um dos máximos momentos em que o ser humano foi destituído de sua condição propriamente humana. O testemunho de Levi é sim o centro gravitacional de uma imensa obra, construída em seus quarenta anos de carreira literária. Mas a crítica que ao longo do tempo fez com que a imagem da testemunha ofuscasse a imagem do escritor, parece não ter percebido que Levi nunca foi autor de um só livro, ou ainda de um só tema. Além da riqueza das formas literárias produzidas por Primo Levi, o presente texto procurará apresentar ao leitor brasileiro uma faceta do autor que permanece também pouco conhecida no país e que diz respeito à sua aparição em entrevistas concedidas em diversas ocasiões ao longo de toda sua vida. Além da análise dos principais temas em geral abordados nesses encontros, o texto apresentará uma transcrição completa da entrevista concedida por Primo Levi a Giuseppe Grieco sobre o tema da religiosidade. Publicada em 1983 na revista semanal *Gente*, é uma das raras entrevistas dedicadas inteiramente ao tema.

### PALAVRAS-CHAVE

Primo Levi; Religião

### ABSTRACT

The acceptance of what Primo Levi has to tell us is the acceptance of a traumatic past, marked by one of the greatest moments in which the human being was deprived of his human condition. Levi's testimony is indeed the gravitational center of an immense body of work, built up over his forty-year literary career. But the critics who, over time, have made the image of the witness overshadow that of the writer, seem not to have realized that Levi was never the author of a single book, or even of a single theme. Besides the richness of the literary forms produced by Primo Levi, the present text will seek to present to the Brazilian reader a facet of the author that remains mostly known in the country. It concerns his appearance in interviews granted on several occasions throughout his life. In addition to analyzing the main themes generally discussed in these encounters, the text will present a complete transcript of the interview conceded by Primo Levi to Giuseppe Grieco on the theme of religiosity. Published in 1983 in the weekly magazine *Gente*, it is one of the few that was entirely dedicated to the theme.

### KEYWORDS

Primo Levi; Religion

## “Se existe Auschwitz, não pode existir Deus”.

Primo Levi: um judeu laico

AISLAN CAMARGO MACIERA (USP)

### Testemunha e escritor

“Nos últimos cinquenta anos, poucos escritores mudaram a fisionomia crítica de forma tão radical quanto Primo Levi”. A afirmação é de um dos principais estudiosos e críticos da obra do autor italiano, o professor de literatura contemporânea da Universidade de Milão Bicocca, Mario Barenghi, que em seu artigo “*La galassia Primo Levi*” (Barenghi, 2016), afirma que, durante muito tempo, décadas antes de ser reconhecido e estabelecido como um escritor *optimo jure*, Levi foi visto como uma testemunha: um químico de origem judaica, deportado para os campos nazistas, que sobrevivera e que, por isso, aventurava-se pelo universo da escrita. O artigo de Barenghi ressalta que, “lentamente e gradualmente” (Barenghi, 2016), Levi ocupou o espaço destinado aos grandes da literatura italiana pós Segunda Guerra, estabelecendo-se como um dos poucos e verdadeiros clássicos da literatura italiana – e depois não somente italiana – do século XX (Belpoliti, 2018).

Marco Belpoliti (2018), por sua vez, destaca que Levi, muitas vezes, nas suas declarações sobre o ato de escrever, fazia questão de ressaltar a sua “anomalia”. Químico e escritor, italiano e judeu, deportado e sobrevivente, o autor era apresentado por muitos entrevistadores como um sobrevivente dos *Lager* nazistas, testemunha dos eventos que marcaram definitivamente a história do século XX. Levi, de fato, até pelo menos a metade dos anos 1970 – mas também além desse período –, destacava essa sua condição de “meio escritor”, considerando-se um escritor anômalo, não inserido nos círculos dos literatos, e mais próximo dos chamados escritores de fim de semana (Belpoliti, 2018: XIV): “permanecerá um *outsider*, um irregular das Belas Letras, ao menos até a metade dos anos 1960”. Na verdade, após o lançamento de *A trégua*, em 1963, há um certo reconhecimento de Levi como escritor, mas tal reconhecimento ainda era muito atrelado à narrativa testemunhal sobre os campos de concentração e extermínio.

Ferdinando Camon, escritor, crítico e importante interlocutor – falo dele e da sua relação com Levi mais adiante – afirma que a recepção da obra de Levi passou, ao longo dos anos, por muitos percalços (Camon, 2014: 9-17). Dentre eles, o mais conhecido é a rejeição pela editora Einaudi da primeira edição de *É isto um homem?*, ainda no final dos anos 1940, logo após a volta do autor para casa. O livro acabou sendo publicado pela pequena e corajosa editora De Silva, em 1947 (Belpoliti, 2018:

XI). Mas Camon vai além dessa primeira rejeição, demonstrando que, ainda nos anos 1980, a Itália e a Europa em geral pareciam demonstrar uma “forte hostilidade em aceitar” Primo Levi (Camon, 2014:10). Na introdução ao volume *Conversazione con Primo Levi*, escrita em 2014, Camon enumera algumas rejeições que Levi teria tido na tentativa de publicar seu último livro, *Os afogados e os sobreviventes*, na França e na então Alemanha Ocidental. Camon conclui: “há alguma coisa em Primo Levi que suscita, em quem o julga ou o avalia, uma crise de rejeição” (Camon, 2014: 10), vinda de uma quase necessidade de se deixar o passado doloroso de lado, e caminhar adiante sem olhar para trás.

A aceitação daquilo que Levi tem a nos dizer é a aceitação de um passado traumático, marcado por um dos máximos momentos em que o ser humano foi destituído de sua condição propriamente humana: foi animalizado, coisificado, exterminado por aqueles que se consideravam superiores, e que fizeram dessa presunção uma política de estado. O testemunho de Levi é sim o centro gravitacional de uma imensa obra, construída em seus quarenta anos de carreira literária. A experiência vivida nos campos de concentração e extermínio são o ponto de partida de um escritor que hoje apresenta aos leitores espalhados pelo mundo as suas múltiplas facetas, de uma obra que pode ser classificada como poliédrica e complexa, mas que orbita e sempre orbitará em torno do *Lager*, e dele não tem a mínima possibilidade de se desprender.

A crítica que ao longo do tempo fez com que a imagem da testemunha ofuscasse a imagem do escritor, parece não ter percebido que Levi nunca foi autor de um só livro, ou ainda de um só tema. Ainda durante a prisão, dizia a Jean Samuel (o Pikolo, famoso personagem do capítulo “O canto de Ulisses” em *É isto um homem?*) que tinha em mente o projeto de escrever uma narrativa, um romance talvez, sobre a história de um átomo de carbono (hoje, sabemos que a história se concretizou no último conto de *A tabela periódica*). Além disso, quando volta para casa, dedica-se a escrever poemas – “Buna Lager”, publicado no jornal *L'amico del popolo*, órgão do Partido Comunista de Vercelli, foi sua estreia absoluta, em 22 de junho de 1946 (Scarpa, 2021) – e contos – “Os mnemagogos”, que abre *Histórias naturais*, foi escrito também em 1946, imediatamente após o seu retorno do *Lager* (Belpoliti, 2015: 211).

O trabalho de Marco Belpoliti ao reconstruir o itinerário quase completo das obras de Levi, tanto na introdução e nas notas dos três volumes das obras completas do autor, quanto no seu incontornável volume monográfico *Primo Levi. Di fronte e di profilo*, coloca-nos diante de um escritor profícuo, extremamente dedicado a seu segundo *mestiere*, e plenamente inserido no contexto histórico, político, social e cultural de seu tempo. Retomando a expressão usada por Barengi (2016), um escritor *optimo jure*, cuja obra nasceu da experiência e da necessidade de narrar, por meio do testemunho, mas caminhou por tantas e variadas estradas que sempre levavam a um ponto comum: a reflexão sobre o ser humano e sua condição.

## O intelectual *pop*

A partir dessas premissas, e tendo em mente que Primo Levi foi um homem de vários ofícios – químico, testemunha, escritor –, é necessário estabelecer que, para ele, testemunhar era uma missão à qual se dedicou até o último dia de sua vida. Entre a volta para casa, em outubro de 1946, e a consagração como escritor, fato que se deu entre a segunda metade dos anos 1970 e o início dos anos 1980, seu testemunho e sua experiência como deportado serviram não somente para escrever duas narrativas, hoje aclamadas como fundamentais na literatura sobre a Segunda Guerra e a *Shoá* – *É isto um homem?* e *A trégua* –, mas também para escrever depoimentos para os processos contra os criminosos nazistas que se desenrolaram até os anos 1960. Tais depoimentos figuram hoje na edição das obras completas do autor e, no Brasil, alguns deles foram publicados em *Assim foi Auschwitz*, livro de testemunhos do autor e de seu amigo e companheiro de deportação Leonardo De Benedetti, lançado em 2015 pela Companhia das Letras. Sobretudo a partir do lançamento da segunda e definitiva edição de *É isto um homem?*, em 1958, e de *A trégua*, em 1963, ambos pela editora Einaudi, mais numerosos tornaram-se os convites para participações em cerimônias, congressos e eventos ligados à deportação e à memória dos deportados. Assim, suas aparições públicas foram tornando-se mais frequentes: Levi foi se constituindo como uma voz a ser ouvida, participando também de visitas a escolas e universidades, relatando a sua experiência e seu testemunho a um dos seus públicos preferidos: os jovens estudantes.

Após a aposentadoria, em 1975, é que Levi começa a se consolidar definitivamente como escritor. Naquele momento já era autor de quatro volumes – os dois de testemunho e mais dois de contos de ficção: *Histórias naturais* (1966) e *Vício de forma* (1971) – e publicava, naquele mesmo ano e sempre pela Einaudi, *A tabela periódica*. Desde o lançamento de *A trégua* ele esporadicamente aparecia nos veículos de imprensa, algumas vezes como articulista, outras como entrevistado. A “galáxia Primo Levi” continuava a se expandir, atraindo os olhares de um público mais vasto e numeroso e, como consequência, a sua obra, construída por uma diversidade de gêneros – ficção, poesia, ensaios e artigos de opinião sobre variados assuntos – começava a tomar a forma monumental a qual podemos hoje enxergar. Levi colocava-se como testemunha da história, tanto para as gerações do presente quanto para aquelas do futuro, mas era mais do que isso: consolidava-se e crescia exponencialmente, assim como a figura do escritor, a do intelectual engajado, autor de uma constelação de textos – artigos e ensaios –, muitos deles ainda a serem explorados no âmbito intelectual e editorial brasileiros.

Levi tornara-se, no final dos anos 1970, colaborador fixo do jornal *La Stampa*, de Turim. Frequentes são os seus textos publicados na chamada *Terza pagina* do cotidiano, espaço dedicado ao jornalismo cultural. Ao seu papel de químico, judeu, deportado, sobrevivente, testemunha e escritor, somava-se o de intelectual *pop*, presença frequente nos programas de rádio e TV e nas páginas dos jornais. Levi é uma



testemunha que escreve, mas é também uma testemunha que fala: de 1961 – período que compreende o intervalo entre a publicação de *É isto um homem?* pela Einaudi e o lançamento de *A trégua* – a 1987, o ano de sua morte, foram aproximadamente, segundo levantamento de Marco Belpoliti e do Centro Internazionale di Studi Primo Levi (Belpoliti, 2018: XXXI), trezentas entrevistas, conversas e declarações. Uma boa parte delas – cento e quarenta e três – está reunida no terceiro volume da última edição das obras completas de Levi: *Conversazioni, interviste, dichiarazioni*. Publicado na Itália em 2018, o volume organizado por Belpoliti constitui-se como uma importantíssima fonte para os estudiosos da obra do autor. Além de uma antologia das entrevistas, formada a partir de alguns critérios que o organizador explicita na nota inicial (originalidade das entrevistas, a identidade dos entrevistadores etc.), o volume de mais de 1.300 páginas traz as notas explicativas de cada um dos textos; uma seção com as declarações e depoimentos nos processos dos criminosos nazistas (Rudolf Höss (1947), Adolf Eichmann (1960), Friedrich Bosshammer (1965, 1970, 1971)); os apêndices, formados por notas e introduções de alguns volumes já publicados por outros organizadores; uma bibliografia completa e dois índices, de nomes e de lugares, organizados por Daniela Muraca e Domenico Scarpa, do Centro Internazionale di Studi Primo Levi.

No que diz respeito às entrevistas, a maioria foi publicada originalmente nos mais variados veículos da imprensa italiana: desde os pequenos jornais ligados a associações de ex-deportados, associações judaicas ou a partidos políticos de esquerda, por exemplo, até os grandes jornais como o *La Repubblica*, o *Corriere della sera* e o *La Stampa*. Constam também algumas entrevistas dadas a emissoras de rádio e TV, bem como algumas anteriormente publicadas em volumes.

A face de intelectual engajado, que se soma à de testemunha e à de escritor, ainda é uma face da obra de Primo Levi pouco conhecida e difundida por aqui. Na Itália, obviamente, a difusão é maior, mas ainda assim fica muito, muito atrás da narrativa testemunhal. O trabalho de difusão da obra ensaística de Levi começou a ser feito há alguns anos, quando a editora da UNESP publicou dois livros de ensaios. Os textos que fazem parte das duas publicações foram originalmente publicados na imprensa italiana e depois reunidos em volume: *O ofício alheio* e *A assimetria e a vida* constituem a primeira iniciativa editorial brasileira da obra ensaística de Levi. Porém, no que se refere às entrevistas, ainda temos um longo caminho a percorrer, pois pouquíssimas delas estão disponíveis em português para os leitores brasileiros.

As exceções são duas versões da famosa conversa entre Levi e o escritor estadunidense Philip Roth. O texto aparece traduzido no Brasil pela primeira vez em 3 de janeiro de 1987, no jornal *O Estado de S. Paulo*, com o título “Primo Levi. Um homem de múltiplas habilidades”. É, rigorosamente, o primeiro “texto completo” de Levi traduzido para o português brasileiro e publicado por aqui, antes mesmo de sua obra propriamente literária, cuja primeira edição brasileira é de 1988<sup>1</sup>. O texto publicado pelo

1. Trata-se, como se sabe, de *É isto um homem?*, publicado pela editora Rocco, com tradução de Luigi Del Re.

jornal *O Estado de S. Paulo* é uma versão da tradução em inglês, publicada originalmente pela *NY Times Book Review* que, naquela época, mantinha uma parceria com o jornal paulista. Uma outra versão da mesma conversa seria publicada como apêndice da edição brasileira de *A tabela periódica*, lançada em 1994 pela editora Relume-Dumará, do Rio de Janeiro. A versão presente no volume é uma outra, originalmente publicada pelo *La Stampa* nos dias 26 e 27 de outubro de 1986. Com a exceção das duas versões citadas dessa mesma conversa entre Levi e Roth, temos apenas alguns poucos trechos de entrevistas traduzidos<sup>2</sup>.

No que diz respeito às muitas ainda inéditas no Brasil, é importante destacar que fazem parte desse *corpus* alguns textos que são fundamentais na fortuna crítica sobre Primo Levi, publicados em volumes, primeiramente na Itália, e depois traduzidos, por exemplo, em espanhol, inglês e francês. Destaco aqui, principalmente, dois volumes muito importantes: o primeiro é o célebre *Dialogo*, conversa entre Levi e o físico turinense Tullio Regge, texto que faz parte daquilo que podemos chamar “cânone do autor”; o segundo, a conversa de Levi com Ferdinando Camon, crítico e escritor com grande experiência jornalística e, assim como Levi, vencedor de alguns prêmios literários italianos como o Campiello e o Strega.

Publicado pela primeira vez em 1984, pela editora Comunità, o *Dialogo* com Tullio Regge é um dos mais conhecidos textos que envolvem o nome de dois grandes intelectuais italianos da segunda metade do século XX. Regge era professor de Física teórica na Universidade de Turim, e desenvolvia um importante papel na divulgação científica pois, assim como Levi, colaborava com o jornal *La Stampa*. A ideia do diálogo partiu de Ernesto Ferrero que, naquele período, trabalhava na editora, e que hoje é presidente de honra do Centro Internazionale di Studi Primo Levi. Ferrero não aparece na primeira edição como organizador e registrador do colóquio, mas seu nome é inserido na segunda edição, publicada em 2005 pela Einaudi, que conta também com uma introdução escrita por ele. No *Dialogo*, Levi e Regge falam da história pessoal – sobretudo Levi – e do interesse pela ciência, de sua vocação científica, do despertar da curiosidade pelas coisas e segredos do universo. É um material fundamental para quem deseja se aprofundar em um dos temas centrais da obra de Primo Levi: a relação entre literatura e ciência, e suas interpenetrações e interpretações. Levi, durante a conversa, fala menos do que Regge, mas fala bastante de sua juventude, de sua formação, da influência do pai, dos interesses que se mesclavam entre literatura e ciência e

.....

2. Como dito, no mercado editorial brasileiro não há um volume dedicado integralmente às entrevistas de Primo Levi, algo que já circula em outros países da América Latina. Há, em espanhol, versões de alguns volumes de entrevistas já publicados na Itália, tais como: *Entrevistas y conversaciones* ou *Yo, quien os habla*, ambos das Ediciones Peninsula. O primeiro é a tradução de *Conversazioni e interviste*, livro organizado por Marco Belpoliti e publicado na Itália em 1997; o segundo é a tradução de *Io che vi parlo*, publicado em 2016, que contém um conjunto de conversas entre Levi e Giovanni Tesio ocorridas no início de 1987 como preparação para sua biografia “autorizada”. A morte do autor, em abril daquele ano, deixou o trabalho incompleto. São mais dois exemplos de volumes que já estão disponíveis para os leitores brasileiros.

que reverberariam em sua obra. O texto é, enfim, uma fonte indispensável de informações sobre sua biografia de químico e escritor, e mereceria um ensaio mais criterioso e profundo a seu respeito.

Nesse mesmo sentido, a conversa entre Levi e Ferdinando Camon é outro volume que merece destaque. O texto publicado é fruto de vários encontros entre os dois escritores, que aconteceram entre 1982 e 1986. Camon publica a primeira edição em 1997, dez anos após o suicídio de Levi, e a reedita em 2014, com uma nova introdução. Trata-se de um texto que apresenta um amplo panorama da obra e das visões de mundo de Levi, de forma quase cronológica, passando pelos diversos temas que povoam seus escritos. Tudo se torna extremamente significativo, pois está inserido em um período no qual o autor tinha em gestação aquele que foi considerado o seu testamento final, a sua última obra publicada em vida, *Os afogados e os sobreviventes*, livro realmente definitivo que encerra a trajetória literária de quarenta anos, nascida na experiência como deportado e sobrevivente do campo de Monowitz.

No volume três das obras completas, juntam-se a essas duas, outras 141 entrevistas escolhidas pelo organizador Marco Belpoliti, concedidas entre 1961 e 1987. Tais entrevistas de Primo Levi, pouco difundidas inclusive em seu país natal, configuram um material vasto, capaz de lançar luz não somente sobre a própria obra e sua interpretação, mas também sobre outras variadas questões: o contexto histórico, político, social e cultural no qual as conversas aconteceram; a sobrevivência de regimes totalitários e autoritários ao redor do mundo e os paralelos com o nazifascismo; a indústria cultural e seus produtos; o universo literário.

### A testemunha que fala

Antes de mais nada, é importante destacar alguns pontos fundamentais para a compreensão dos textos em si mesmos. Em primeiro lugar, a entrevista é um gênero textual que deve ser tratado em sua especificidade: é produzida em um contexto que a desloca da obra propriamente literária do autor, apesar de a ela estar intimamente ligada. A narrativa testemunhal e autobiográfica, a narrativa ficcional, a poesia e a obra ensaística encontram-se em um patamar diferente dos textos retirados das centenas de entrevistas dadas por Levi. Como cita Belpoliti (2018: XIII-XIV), fazendo referência a Gérard Genette, a entrevista é um gênero que costumeiramente nasce na imprensa, e tem origem marcadamente oral. É um texto de caráter informativo/opinativo – dependendo de cada caso – que leva ao público a perspectiva de uma personalidade ou autoridade, de alguém que seja significativo no âmbito e no contexto que envolve a entrevista em si mesma.

Acompanhando a ordem cronológica na qual os textos aparecem no volume organizado por Belpoliti, percebe-se que as entrevistas e conversas têm muitas vezes como fator motivador o lançamento dos livros de Levi ou importantes acontecimentos, por vezes históricos, no contexto em que elas aconteceram ou além deles. Desse



modo, além do interesse da editora e do próprio autor em divulgar sua obra, há o interesse da imprensa no próprio autor, em ouvir e difundir sua opinião entre os leitores, ouvintes e telespectadores. No mecanismo das entrevistas, o resultado é o autor que vai gradualmente transformando-se em uma peça importante no processo de produção, divulgação e recepção da obra literária.

As conversas que se transformariam nos textos das entrevistas publicadas davam-se nos mais variados ambientes, o que, evidentemente, influencia o resultado por se tratar de um texto de natureza oral. Ferdinando Camon (2014: 16), por exemplo, destaca que todas as conversas que originaram o volume por ele publicado ocorreram em Turim. A primeira, em 1982, no Hotel Palace; muitas outras em restaurantes do centro da cidade; a última, em um domingo no fim de maio de 1986, na casa de Levi, onze meses antes de sua morte. A casa de Levi acaba se configurando também como um ambiente muito importante nesse processo: o autor frequentemente abria as portas da sua casa para jornalistas, mas também para jovens estudantes da escola média e da universidade que se interessavam pela sua obra e pelo seu testemunho<sup>3</sup>. Algumas dessas conversas com os jovens estudantes também fazem parte das obras completas. Levi só não recebia os veículos de imprensa declaradamente de extrema-direita ou fascistas, com os quais jamais falava. Nas palavras de Camon (2014: 16), Levi era um maravilhoso conversador: “preciso, escrupuloso, com frequentes e pertinentes associações de memória”; “Não levantava a voz, não gritava: queria era fazer gritar. Renunciava a própria reação em favor da nossa reação”.

Na passagem da fala para a escrita, à qual Barthes (1995) chama de “escriptação”, há um embalsamento da palavra falada, para que ela dure mais (Barthes, 1995: 9-10): nossa fala, sobretudo em um contexto público, “recorre a meneios, a todo um conjunto de códigos culturais e oratórios: [...] reescrevendo o que dissemos, protegemo-nos, vigiamo-nos, censuramo-nos, riscamos as besteiras, as nossas suficiências (ou nossas insuficiências), as hesitações, as ignorâncias, as complacências, às vezes mesmo, as nossas panes”. Transcrita, (Barthes, 1995) a fala muda de destinatário e, por isso mesmo, de sujeito, e elimina também as arestas da linguagem falada.

Evidentemente, não podemos desconsiderar isso ao analisar as entrevistas de Levi. Mas o curioso é que Levi demonstra ser sempre o mesmo. A serenidade de sua fala é a serenidade de sua escrita; a clareza ao expor suas ideias e opiniões é a mesma, seja em seus textos, seja em suas entrevistas. E isto se comprova, tanto por meio da leitura do material escrito, nascido das entrevistas e conversas, quanto por meio daquelas disponíveis em áudio e vídeo (no acervo da RAI ou no Youtube, por exemplo): a constância do tom, a criteriosa utilização das palavras, a coerência na exposição das ideias, tudo se mantém. E a questão se torna ainda mais interessante se pensarmos que, muito provavelmente, não foi o autor quem transcreveu as entrevistas e conver-

.....  
3. Escrevi a respeito da relação de Primo Levi com os jovens estudantes que desejavam entrevistá-lo, geralmente por conta de um trabalho de escola, em “Primo Levi, os jovens e a escola”, publicado no volume *Primo Levi e a educação*. Experiências e reflexões didáticas. São Paulo: FFLCH/USP, 2022: 10-27.



sas que se transformaram nos textos aos quais temos acesso hoje. É sabido que, em alguns casos, dentre os quais podemos citar a conversa com Camon, Levi revisava o material a ser publicado, mas isso não era feito com a maioria das entrevistas que vieram à luz. Mesmo assim, em todos os casos, sabemos se tratar do mesmo Primo Levi. A conclusão é simples: escrita e fala, apesar de serem registros diferentes, praticamente não se separam quando se trata de Primo Levi.

Das entrevistas concedidas pelo autor, conseguimos depreender quatro temas fundamentais. Três deles mais constantes: o *Lager*, evidentemente o mais presente, a química e os livros, ou a literatura em geral. O quarto tema, menos constante, presente em poucas ocasiões, mas muito marcante, é a religião, e mais especificamente o “seu” judaísmo. Em torno de todos esses principais temas, gravitam outros argumentos ligados aos contextos nos quais as entrevistas aconteceram, à história recente ou remota, às questões sociais e culturais. Obviamente, grande parte das perguntas, em todos os casos, giravam em torno do *Lager* e da sobrevivência, com destaque para a opinião do autor sobre os alemães e a questão do perdão. Esta última, uma questão muito suscitada pelos jovens, que eram interlocutores de uma geração posterior àquela contemporânea à Segunda Guerra e, portanto, mais distante daqueles acontecimentos. Tanto que, no “Apêndice” à edição escolar de *É isto um homem?*, de 1976, Levi insere uma espécie de autoentrevista, na qual responde os questionamentos mais frequentes que os jovens estudantes lhe faziam em suas visitas e palestras nas escolas, e esse sobre o perdão é um dos mais significativos. A propósito, diferentemente das outras entrevistas às quais fiz menção anteriormente, esse texto foi totalmente formulado e escrito pelo próprio autor, consta em todas as edições da obra publicadas posteriormente, mas não aparece em nenhuma das reimpressões da edição brasileira.

### Levi e o seu judaísmo

Diante desse quadro preliminar sobre as entrevistas, conversas e declarações de Primo Levi, neste texto apresento algumas breves considerações sobre a religiosidade ligada ao judaísmo. Como se sabe, apesar de alguns leitores desconsiderarem esse fato importantíssimo, Levi era um judeu laico. Para ele, o judaísmo era um traço cultural irrelevante durante a infância e adolescência, e que se tornara mais forte por ocasião das leis raciais implementadas pelo governo fascista em 1938, quando ele já tinha dezenove anos. Tal traço passou a ser realmente significativo quando foi preso como *partigiano* e deportado como judeu, entre o final de 1943 e o início de 1944.

Ser judeu significa, em Levi, muito mais uma marca identitária, e nunca propriamente uma fé. Educado em alguns poucos preceitos da religião, sobretudo por influência do pai, Levi jamais professou a fé em Deus, e sempre fez questão de destacar isso, dizendo que nunca foi um crente. É um autor de origem judaica, mas o judaísmo não determina a identidade que o constrói como escritor e intelectual durante a carreira literária. Ele jamais pode ser considerado exclusivamente um escritor da história

dos judeus no Holocausto. Sua literatura, muito além disso, é a literatura sobre o homem: “Primo Levi é um escritor para todos, e para sempre” (Camon, 2014: 9). Assim como afirma Belpoliti (2015: 68), “Levi fala do sempre do ‘homem’ e não do ‘judeu’, diferentemente de outros escritores da Shoá”. Quando assumia a palavra nos diversos eventos públicos dos quais participava, falava em nome de “todos os deportados” e não exclusivamente dos deportados judeus.

Mas, curiosamente, a primeira entrevista escrita do autor a ser publicada, em 1961, tratava exatamente da chamada questão judaica. Três anos depois do lançamento da segunda versão do seu primeiro, e até então único livro, Levi responde a um questionário da revista *Storia Illustrata*, que no número de junho de 1961 propunha um debate sobre a origem da perseguição aos judeus na Alemanha nazista e na Itália fascista. Primo Levi é apresentado como um “intelectual judeu, sobrevivente dos campos de extermínio e autor de um livro fundamental” (cf. Belpoliti, 2018a: 1119). Sua entrevista, segundo o serviço da revista, trará à luz “o absurdo e a aberração que podem ser gerados pelo ódio racial”.

Outra entrevista importante sobre a questão judaica é a dada a Edith Bruck, também judia e deportada, para quem Levi fala de seu judaísmo laico: “Judeu, mas só até um certo ponto” (Levi, 2018: 85). Publicada pelo jornal *Il Messaggero*, em 9 de janeiro de 1976, a entrevista ratifica a posição de Levi perante a sua condição de judeu. Perguntado pela entrevistadora, o que para ele significava ser judeu, ele responde (Levi, 2018: 85, tradução minha):

Fizeram eu me tornar judeu (*responde Levi com sua voz doce e persuasiva*). Antes de Hitler, eu era um rapaz burguês italiano. A experiência das leis raciais ajudou-me a reconhecer, entre os muitos filões da tradição judaica, alguns dos quais eu gostava. [...]

A independência espiritual, que suscitou e guiou as rebeliões dos judeus contra os romanos. Também a tradição talmúdica da discussão apaixonada, mas precisa, e aquela da religião do Livro. Outros filões, como o religioso e o místico, me interessavam menos. Essa reaproximação à tradição foi confirmada pela experiência de Auschwitz, do contato com uma civilização que não conhecia, a do judaísmo “asquenaze” da Europa oriental.

Na conversa com Ferdinando Camon, Levi diz que até gostaria de ser religioso, de acreditar em Deus, mas nunca conseguiu. Perguntado por Camon sobre “seu judaísmo”, Levi responde convictamente que seu judaísmo é “um puro fato cultural” (Camon, 2014: 86, tradução minha):

Se não fossem as leis raciais e o lager, eu provavelmente não seria mais judeu, exceto pelo meu sobrenome: no entanto, esta dupla experiência, as leis raciais e o lager, imprimiram em mim, como se imprime em uma chapa de metal: agora eu sou judeu, costuraram-me a estrela de David, e não somente sobre a roupa.

Cita um amigo, religioso, que depois da deportação foi encontrá-lo para dizer que era um predestinado, que entre tantos prisioneiros no campo, ele, Levi, tinha sido escolhido para sobreviver para que levasse seu testemunho à humanidade através de *É isto um homem?*. Levi considera a afirmação do amigo uma blasfêmia, e diz que a experiência de Auschwitz foi tão cruel para ele que foi capaz de varrer qualquer vestígio da superficial educação religiosa que teve. E conclui com aquela que é, talvez, a frase mais forte e definitiva de Levi sobre Deus e sobre a religião: “Existe Auschwitz, então Deus não pode existir” (Camon, 2014: 86, tradução minha). Na folha datilografada, a qual sabemos que Levi reviu antes de entregar a Camon, adicionou um trecho a lápis, antes de devolver ao entrevistador: “Não encontro uma solução para o dilema. Procu-ro, mas não a encontro”.

No decorrer de sua vida e de sua carreira de escritor Levi falou sobre a sua não religiosidade, e assumiu algumas posições diversas diante do judaísmo. Foi considerado muitas vezes pelas comunidades judaicas e de sobreviventes da *Shoá* ao redor do mundo uma espécie de farol que iluminava a história do próprio povo judeu e do seu massacre durante a Segunda Guerra. Ao mesmo tempo, foi hostilizado em muitas outras ocasiões, também pelas comunidades judaicas, sobretudo devido a seu posicionamento sobre Israel – em 1982, deu uma série de entrevistas que condenava a invasão do Líbano e os conflitos que daí surgiram – e às ponderações, sempre muito discutidas, sobre o papel dos próprios judeus e dos alemães nos campos de concentração e extermínio.

Os posicionamentos de Levi causaram grande polêmica no interior da comunidade judaica, e um dos grandes e mais significativos exemplos se deu por ocasião da sua única viagem aos Estados Unidos, em abril de 1985. A recepção positiva de *The periodic table* naquele país, na passagem de 1984 para 1985, motivada principalmente por uma entusiasmada resenha do também escritor e judeu Saul Bellow, gerou o convite para que o autor italiano fosse convidado pelo Instituto Italiano de Cultura de Nova Iorque para uma série de encontros. Levi foi aclamado como a mais nova estrela literária da Itália e recebido em uma série de compromissos profissionais organizados por seus editores em diversas cidades estadunidenses. Aquilo que num primeiro momento entusiasmou Levi, isto é, poder falar de sua obra e de sua experiência, acabou transformando-se em um incômodo: praticamente todos os eventos eram dedicados e frequentados, quase exclusivamente, pela comunidade judaica estadunidense. Levi, depois do reconhecimento definitivo como escritor em seu país, parecia nos Estados Unidos ter voltado àquela imagem do químico judeu sobrevivente, testemunha da *Shoá*, que tanto marcou o início de sua carreira literária. Nas mais de duas dezenas de entrevistas que concedeu, a pergunta mais frequente foi: “O que significa ser judeu na Itália”? A ênfase sobre a sua origem era, a seu ver, desmedida (Levi, 2018: 577, tradução minha):

Eu tinha que dar uma palestra para um grupo no Brooklyn e, pela primeira vez em minha vida, me vi diante de um público exclusivamente judeu. Eram todos homens e judeus. Fiz

meu discurso, que foi escrito na Inglaterra. Não sei exatamente o quanto eles entenderam, dado o meu péssimo sotaque. Assim que terminei, eles começaram a me fazer perguntas sobre Israel e minha posição no conflito árabe-israelense. Quando comecei a explicar que considerava Israel um erro em termos históricos, houve um alvoroço geral e o moderador teve de suspender a reunião.

Desse episódio podemos tirar uma conclusão: aquele público não conhecia Primo Levi e suas posições. Imaginavam-no apenas como testemunha da *Shoá* e porta-voz da questão judaica. Enorme engano. Já havia declarado abertamente em 1982: “sou judeu, mas nunca fui sionista” (Levi, 2018: 294, tradução minha). Era óbvio que a sua posição diante da política do estado de Israel não agradaria a comunidade judaica estadunidense. Diante disso, é importante observar que em sua obra, tanto naquela propriamente literária, quanto em seus ensaios, entrevistas e declarações, há uma ligação com a origem judaica que não ultrapassa os limites do pertencimento étnico-cultural, na maioria das vezes pouco significativo em sua formação e identidade. No que diz respeito à religião, tal pertencimento é praticamente nulo: Levi, como já dito, sempre se colocou como um não-crente. Mesmo assim, como afirma Belpoliti, Levi “assumiu diferentes atitudes em relação ao judaísmo” (Belpoliti, 2015: 67) e à própria origem judaica: de um “inicial estranhamento à religião”, passando pela “aceitação das próprias origens culturais” até o “vivo interesse que culmina na publicação de *Se não agora, quando?*, em 1982, o mesmo ano em que dá a maioria de suas declarações sobre o estado de Israel.

Nesse sentido, escolhi apresentar aqui uma entrevista completa de Levi sobre o tema da religiosidade e de Deus. Trata-se de uma entrevista concedida a Giuseppe Grieco, jornalista que estava trabalhando em uma série de entrevistas com personalidades da época, cujo tema central era a relação que tinham com Deus. A entrevista de Levi, de 1983, foi publicada na revista semanal *Gente*, e é uma das raras dedicadas inteiramente ao tema. Nela, Levi coloca em um segundo plano as memórias do *Lager* para refletir e consolidar a sua relação com a fé e com o divino: declara-se agnóstico e procura explicar a sua particular posição de não-crente, a sua laicidade. A versão aqui apresentada é a tradução do texto presente no já citado volume três das obras completas (Levi, 2018: 385-391):

### **Nunca o encontrei, nem mesmo no Lager**

Segundo encontro sobre Deus. Interlocutor: Primo Levi, 64 anos, doutor em química, escritor. Disse-me imediatamente, na abertura do colóquio: “Eu acredito ser um caso extremo, no sentido de que Deus é um problema do qual, até hoje, nunca me ocupei verdadeiramente. A minha vida é a de um homem que viveu, e vive, sem Deus, na indiferença de Deus”.

*E isto te deixa tranquilo?*

Permite que eu vá adiante sem ilusões.

Primo Levi, turinense, é de origem judaica. É um sobrevivente dos Lager nazistas. O seu primeiro livro, *É isto um homem?*, é um arrepiante relato sobre os campos de extermínio: um dos mais secos e dramáticos testemunhos que foram escritos por quem sentiu na própria pele o inferno do Holocausto. Como escritor, ele nasce exatamente dessa experiência terrível, que o marcou para sempre.

Conta a mim: “No verão passado encontrei em Milão o colega Elie Wiesel, que fez do Holocausto o centro de sua vida e de sua obra de escritor. Wiesel e eu fomos prisioneiros em Auschwitz ao mesmo tempo. Nós dois nos salvamos. Mas ele se tornou, em certo sentido, um “obcecado” por Deus, enquanto eu permaneci na minha não-fé. Espero poder encontrá-lo de novo. O nosso encontro, ocorrido depois de quarenta anos de separação, foi fascinante, exatamente porque somos assim, diferentes”.

*Falando com Elie Wiesel não lhe aconteceu de experimentar um sentimento de inveja pela sua fé que o leva a afirmar: “Eu posso viver com Deus, contra Deus, mas não sem Deus”?*

Lógico que experimentei esse sentimento. Eu invejo aqueles que creem. Todos os que creem. Mas não posso fazer nada. A fé é uma coisa que ou se tem, ou não se tem. Um homem não pode inventá-la. Um homem não pode inventar um Deus para seu próprio e exclusivo uso e consumo. Seria desonesto.

*Há vinte anos, Primo Levi venceu a primeira edição do Prêmio Campiello com o livro A trégua. Este ano venceu novamente o mesmo prêmio com o romance Se não agora, quando?, que é uma vasta narrativa-epopeia sobre o judaísmo na Europa oriental e sobre grupos partigianos que, durante a Segunda guerra mundial, lutaram para conquistar uma nova liberdade, desconhecida dos seus pais e avós. Pergunto: Quando criança, você não teve uma educação religiosa?*

Claro que tive – responde Primo Levi –, mas passou por mim sem deixar marcas profundas. Minha mãe seguia a tradição judaica, mas não dava a ela muito peso. O verdadeiro crente em casa era meu pai. Um crente curioso. Tinha medo de Deus. Esforçava-se para respeitar as leis, observava o jejum nos dias estabelecidos, mas o fazia xingando, porque certas proibições não lhe caíam bem. Meu pai, e é um exemplo mínimo, gostava de presunto. Dever se privar só porque Deus assim prescrevia, era uma coisa que o enfurecia. Crente a seu modo, meu pai se abandonava à transgressão, rosnando.

*Essa é toda a sua educação religiosa?*

Não, naturalmente. Como todos os meninos da comunidade judaica de Turim, eu fui instruído nos fundamentos da nossa religião. Aos treze anos tive minha “iniciação”, depois da qual fui aceito, inclusive no sentido do registro oficial, como um membro da comunidade. Essa cerimônia chama-se *Bar Mitzvah*, que quer dizer, ao pé da letra, “filho do mandamento”. Ali se chega depois de ter superado com o rabino um exame de língua hebraica e de história e cultura judaica.

*A cerimônia de iniciação não o fez encontrar Deus?*

Passei por ela passivamente. Eu não tenho nenhum orgulho de ser judeu. Nunca me senti membro do povo eleito que tem um estreito pacto de ferro com Deus. Sou judeu porque me aconteceu de ter nascido judeu. Não me envergonho e não me orgulho de sê-lo. O ser judeu, para mim, é uma questão de “identidade”: uma “identidade” da qual, também devo dizer isso, não pretendo me despir.

*Assim entrou na comunidade judaica e, ao mesmo tempo, não aceitou aquele Deus em cujos “mistérios” acabara de ser iniciado?*

Para dizer a verdade, por alguns meses tive alguma preocupação, mas a abandonei. Procurei inclusive o contato com Deus, sem, no entanto, chegar a nada. Aquele que me foi apresentado era um Deus Patrão, um Deus punitivo, que me deixava indiferente. Decorrido o breve período de perplexidade, Dele me separei totalmente, mantendo-o à distância como um fato infantil que não mais me dizia respeito.

*Um afastamento polêmico, em suma?*

Nenhuma polêmica. Não tendo nunca interiorizado Deus, não tive a necessidade de tirá-lo da consciência e afastar-me de seu horizonte. De resto, o meu afastamento de Deus foi favorecido, naqueles anos, pelos amigos com os quais eu convivia, que eram todos cristãos, mas eles também, no fundo, indiferentes. Eram rapazes que, talvez, iam à Missa para agradar os pais, mas distraidamente, sem uma autêntica tensão religiosa. Além disso, cínicos, me lembro que se divertiam contando, a mim judeu, historinhas irreverentes sobre a Igreja e seus padres.

*E depois, para você, veio a tremenda experiência dos campos de extermínio. Como reagiu?*

Eu vivi a prisão como uma dura confirmação da minha indiferença – responde Primo Levi –; em um certo sentido, tudo foi para mim muito mais simples do que para o meu companheiro de Lager, o crente Elie Wiesel. Ele foi condenado a sofrer brutalmente o grande trauma do triunfo do mal, e depois acusar Deus por permiti-lo, por não intervir para parar os carrascos. Eu, ao contrário, me limitei a concluir: “Então é a verdade: Deus não existe”. E na ausência de Deus, diria que fiz meu o ponto de vista de Giacomo Leopardi, o poeta que acusa a natureza de enganar os seus filhos com falsas promessas de bem, que sabe que não poderá manter.

*Nem ao menos uma vez procurou o conforto em Deus?*

Em Auschwitz tive somente uma tentação religiosa. Aconteceu durante a grande seleção de outubro de 1944, quando a comissão que selecionava os prisioneiros a serem enviados para as câmaras de gás já estava operando. Então, tentei dirigir-me a Deus e recordo, sem me orgulhar, de ter dito para mim mesmo: “Não, você não pode fazer isto, não tem o direito. Primeiro porque não acredita em Deus; segundo porque pedir ajuda, sem se considerar um privilegiado, é mafioso”. Moral: renunciei ao indubitável conforto da oração e deixei que o acaso, ou alguém por ele, decidisse o meu destino.

*E depois?*

Escapei da morte, e não sei exatamente por quê. E depois do meu retorno à Itália encontrei um amigo, crente do seu jeito, que me disse: “É claro o motivo pelo qual você se salvou: porque Deus te protegeu”. Essas palavras me colocaram em um estado de extrema indignação: uma indignação que não procurei nem minimamente esconder dele, o homem que a havia provocado. Pareceu-me tudo um despropósito enorme, porque eu vi, em torno a mim, milhares de homens mais dignos do que eu, crianças certamente inocentes, que sofriam e morriam e, por outro lado, vi homens deploráveis se salvar, certamente cruéis. Portanto, a salvação ou a morte não dependeram de Deus, mas do acaso. Ora, nós podemos também chamar de “Deus” o acaso. Mas isso quer dizer um Deus cego, um Deus surdo, que acredito que não valha a pena levar em consideração.

*E então?*

Para mim, as coisas são assim: Deus é onipotente ou não é Deus. Mas se existe, e é onipotente, por que permite o mal? O mal existe. O mal é a dor. Portanto, se Deus, a seu arbítrio, pode reverter o bem em mal, ou somente deixar que o mal se espalhe sobre a Terra, quer dizer que é um Deus mau. E a hipótese de um Deus mau é uma hipótese que me repugna. Assim, permaneço com a hipótese que me parece mais simples: o nego.

*Há alguns anos, o escritor Riccardo Bacchelli me disse, sempre a propósito de Deus: “Vivi até aos oitenta anos sem me preocupar com Ele, porque era convicto de que a morte fechava definitivamente a partida do homem. Infelizmente, essa certeza começa agora a vacilar. E confesso isso com raiva, porque é algo que me tira a paz, me perturba. Mas não posso fazer nada. A ideia do além, de um Deus que nos espera para nos colocar na balança e nos julgar, é uma ideia que se fixou no meu cérebro como um prego, e não consigo extraí-la”. Aí eu te pergunto: uma perturbação do gênero nunca lhe aconteceu?*

Até este momento, não. A minha situação, no que diz respeito a Deus, é a mesma de quando eu tinha quinze, vinte, quarenta anos. Apesar disso, devo confessar que experimento uma certa curiosidade, uma certa insatisfação, a partir de uma ordem diversa de pensamentos, como por exemplo os pensamentos que me surgem sobre o cosmo, sobre o universo. Em outras palavras, vem-me a suspeita de que atrás dessa enorme máquina do universo há um maquinista, que se não a inventou exatamente, regula seu motor. Mas tal suspeita, que fique bem claro, não me exonera da convicção de que esse maquinista, se existe, é indiferente às coisas do homem. Em suma, não é alguém a quem possa se dirigir por meio da oração.

*Parece-me que no tom da sua voz posso notar uma certa contrariedade...*

E não se engana. Gostaria que o maquinista estivesse ali, e gostaria mais ainda que fosse um maquinista-Deus. Ter um pai, um juiz, um mestre, seria muito bom, tranquilizador. Mas esse desejo que está em mim não me autoriza a construir-me um Deus sob medida, não é um desejo tão forte capaz de me empurrar até o ponto de inventar para mim um Deus para termos um diálogo.

*Você me confessou antes que inveja os religiosos. Por quê? Acha que são, talvez, mais tranquilos?*

Não. Do ponto de vista da tranquilidade, talvez esteja melhor o ateu, porque para ele tudo o que acontece, inclusive o mal, não tem motivação sobrenatural, é produto da grande máquina do universo. O crente, ao contrário, é alguém que se interroga, que interroga Deus, que busca sempre, e talvez tateando, uma via de saída que justifique o injustificável. Conheço, acredite, as vias tortuosas dos crentes...

*No entanto, como demonstrado pelos mais diversos testemunhos, um sinal do nosso tempo é o retorno de Deus, ou pelo menos o retorno à busca de Deus. Como explica essa inversão de tendência depois da proclamada "morte" de Deus, que parecia realmente uma certeza da cultura laica?*

Vivemos em um momento de crise dos valores, de todos os valores, e o retorno de Deus é típico desses momentos de crise. Quanto mais as coisas desabam em torno, quanto mais se sente sozinho e desarmado, diante do enigma do universo, mais o homem procura a clareza, procura quem dê uma resposta às suas perguntas, procura quem o tranquilize. A busca por Deus torna-se assim a busca por uma proteção, por uma via de escape da solidão. Em suma, o risco de Deus, nesse caso, é o risco de ser visto como um atalho tranquilizador, gratificante, que nos conduza além do vazio da existência.

*Esse vazio não pode ser preenchido pela ciência?*

Não. A ciência estuda a grande máquina do cosmo, revela-nos pouco a pouco seus segredos, mas não responde as perguntas definitivas do homem. A grande ilusão de que a ciência poderia, em um certo sentido, tomar o lugar de Deus, desapareceu já há um bom tempo. A ciência, quando perguntada sobre os "fins" da vida, responde: "Não é da minha conta". E para por aí.

*Então, o que faremos se quisermos sair do beco sem saída no qual nos metemos? Deixamos Deus de lado e, ao contrário de seu colega Wiesel, julgamos o homem como responsável pelos males do mundo?*

Julgar o homem não tem sentido – responde Primo Levi – o homem é uma terrível mescla na qual se encontra tudo. Existem sensatos, loucos, canalhas, santos. Sempre me recusei a expressar um juízo universal sobre o homem. Inclusive sobre os nazistas. Para mim, o único julgamento que pode ser feito, e com todas as cautelas do caso, é de um único indivíduo.

*Assim?*

A situação é aquela que é, e não resta outra coisa a fazer senão aceitá-la. Nós somos apenas um detalhe na grande máquina do universo. E não sabemos qual é a margem de autonomia que nos foi reservada nesta máquina. Podemos, e devemos, inventar-nos uma moral, e comportarmo-nos "como se...", mas nunca esquecendo que somos "hóspedes" da Natureza, e hóspedes curiosos que levam a desordem para todo lado.

O colóquio acabou. Mas Primo Levi acrescenta uma nota de rodapé: uma poesia que me oferece e que se intitula “A menina de Pompeia”. É uma poesia muito bonita. Fala de uma “menina escarnada”, que as escavações realizadas na antiga cidade sepultada pelas cinzas do Vesúvio trouxeram de volta à luz, “estreita convulsa” à mãe. Ele a compara a outras vítimas inocentes como Anne Frank e a estudante de Hiroshima. Diz: “Assim você ficou entre nós, retorcido decalque de gesso, | Agonia sem fim, testemunha terrível | De quanto importa aos deuses nossa orgulhosa semente”. E conclui com um convite aos “poderosos da terra” para “não apertar o botão” e desencadear o Apocalipse atômico, porque “já nos bastam em demasia as aflições dadas pelo céu”<sup>4</sup>.

(In: *Gente*, XXVII, 9 dezembro 1983, n. 48). ●

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARENGHI, M. “La galassia Primo Levi”. In: Doppiozero. 24/01/2016. Disponível em <<https://www.doppiozero.com/materiali/la-galassia-primo-levi>>. Acesso em 20/09/2022.
- BARTHES, R. “Da fala à escrita”. In: BARTHES, R. O grão da voz. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- BELPOLITI, M. “L'uomo dai molti mestieri”. In: LEVI, P. Opere complete. Torino: Einaudi, 2018, V. 3, pp. XI-XXXIII.
- BELPOLITI, M. “Note a Conversazioni, interviste e dichiarazioni”. In: LEVI, P. Opere complete. Torino: Einaudi, 2018a, V. 3, pp. 1117-1151.
- BELPOLITI, M. Primo Levi. Di fronte e di profilo. Milano: Ugo Guanda, 2015.
- BELPOLITI, M. Primo Levi. Milano: Bruno Mondadori, 2010.
- CAMON, F. Conversazione con Primo Levi. Milano: Ugo Guanda, 2014.
- LEVI, P. Opere complete. A cura di Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 2018, v. 3.
- LEVI, P. Mil sóis. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2018.
- SCARPA, D. “A estreia absoluta de Primo Levi: ‘Buna Lager’”. Tradução de Aislan Camargo Maciera. In “Revista de Literatura Italiana”, v. 2, n. 3, mar. 2021. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/221439>>. Acesso em 20/09/2022.

.....

4. A tradução em português dos trechos do poema citado são de Maurício Santana Dias, retirados de *Mil sóis*.